

MAURO DE SOUZA VENTURA &
TAYANE AIDAR ABIB

A NOTÍCIA COMO DESACONTECIMENTO: POSSIBILIDADES DE INOVAÇÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS DE ELIANE BRUM

*NOTÍCIAS COMO DESACONTECIMENTO:
POSSIBILIDADES DE INNOVACIÓN DE LAS
NARRATIVAS DE ELIANE BRUM*

*NEWS AS UNHAPPENINGS: POSSIBILITIES
OF INNOVATION FROM THE ELIANE BRUM
NARRATIVES*

Recebido em: 24 set. 2015

Aceito em: 1 fev. 2016

Mauro de Souza Ventura: Universidade Estadual Paulista (Bauru-SP, Brasil).
Jornalista, doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp/Bauru.

Contato: mauroventura@faac.unesp.br

Tayane Aidar Abib: Universidade Estadual Paulista (Bauru-SP, Brasil).
Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FAAC/UNESP) e mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unesp/Bauru.

Contato: tayaneaabib@gmail.com

ISSN (2236-8000)

cultura e mídia

RESUMO

O estudo apresentado neste artigo busca delinear fundamentos para um novo modo de produção noticiosa a partir de uma análise interpretativa das narrativas de Eliane Brum. Objetiva-se conceituar um novo fazer, o Jornalismo de Desacontecimentos, e caracterizar técnicas que apontem para uma prática interessada na antinotícia e na apreensão do universal manifesto no cotidiano de pessoas anônimas. Espera-se, deste modo, identificar as divergências entre o jornalismo de Brum e os registros da mídia convencional, orientada pela partilha de saberes específicos e de uma cultura noticiosa comum entre a tribo jornalística.

PALAVRAS-CHAVES: Jornalismo; Tribo Jornalística; Técnicas de Reportagem; Pessoas Anônimas; Eliane Brum.

RESUMEN

Este artículo pretende esbozar bases de una nueva producción de noticias a través de un análisis interpretativo de las narrativas de Eliane Brum. El objetivo es conceptualizar el “Jornalismo de Desacontecimentos” y caracterizar una nueva práctica interesada en la vida cotidiana de personas anónimas. De esta manera, esperamos identificar las diferencias entre el periodismo Brum y los registros de los medios de comunicación, guiada por el intercambio de conocimientos específicos y una cultura común entre la comunidad periodística.

PALABRAS-CHAVES: Periodismo; Comunidad periodística; Técnicas de Prensa; Personas anónimas; Eliane Brum.

ABSTRACT

The study presented in this paper aims to outline the basis for a news production through an interpretative analysis of the narratives of Eliane Brum. The objective is to conceptualize the “Jornalismo de Desacontecimentos” and characterize a news practice interested in the daily lives of anonymous people. In this way, we hope to identify the differences between Brum journalism and records of the mainstream media, guided by sharing specific knowledge and a common culture between the journalistic tribe.

KEYWORDS: Journalism; Journalistic tribe; Reporting techniques; Anonymous People; Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

Este artigo articula reflexões sobre a prática jornalística convencional e sobre a possibilidade de renovação do jornalismo a partir da aceção da notícia como desacontecimento. Trata-se de uma proposição de resistência ao modo de produção noticioso da grande mídia, cuja fundamentação encontra-se nas técnicas e valores jornalísticos aplicados por Eliane Brum em suas narrativas ao longo da carreira profissional. O presente trabalho organiza, portanto, sugestões para um novo fazer, baseado nas etapas produtivas – pauta, apuração, entrevista e redação – que diferem do jornalismo de Eliane Brum dos registros da mídia tradicional.

Compreende-se que, ao se interessar pelo cotidiano das pessoas anônimas, Brum se assume como uma repórter de desacontecimentos e inscreve-se em uma prática pautada pela antinotícia, opondo-se à cultura noticiosa partilhada pela tribo jornalística (TRAQUINA, 2005) e instaurando novas perspectivas no cenário jornalístico. A fim de caracterizar esse novo fazer, desenvolve-se um estudo que busca delimitar o conceito de notícia para Eliane Brum e as técnicas de reportagem presentes em cada etapa de seu processo produtivo; tomando, para isso, duas de suas obras que reúnem uma seleção de seus escritos para dois meios de comunicação: *A vida que ninguém vê*, em seu período de trabalho no jornal Zero Hora, na década de 1990, e *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, na revista Época, durante os primeiros anos de 2000.

Elaborou-se, então, um percurso metodológico composto de duas partes: revisão bibliográfica sobre as Teorias do Jornalismo, a fim de fundamentar um escopo teórico e identificar os procedimentos partilhados convencionalmente entre os jornalistas, e análise interpretativa, com o objetivo de levantar inferências acerca da produção noticiosa de Eliane Brum e caracterizar um novo modo de apurar, entrevistar e escrever notícias, que serão relatados e aprofundados no presente artigo.

A partir dos estudos comparativos entre o *modus operandi* dos meios noticiosos convencionais e da produção jornalística de Eliane Brum, tornou-se possível refletir sobre um novo modo de fazer jornalismo, intitulado aqui como o Jornalismo de Desacontecimentos, assim como descrever as técnicas e valores nele presentes. Nesta nova concepção, a preocupação é alcançar o cerne do tecido social que compõe o cotidiano e a vida comum, de modo a revelar, a partir do dia-a-dia de anônimos, as problemáticas comuns ao ser e estar no mundo atual.

TRIBO JORNALÍSTICA: INTERPRETAÇÕES PARTILHADAS ENTRE A COMUNIDADE PROFISSIONAL

A configuração atual do jornalismo nas sociedades democráticas remete ao desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa, no século XIX. Foi durante este período que, impulsionados pela intensa expansão dos jornais, novos empregos foram criados e um número crescente de pessoas passou a se dedicar integralmente à atividade jornalística. Com o desenvolvimento da *penny press*, nos anos 1830, um novo conceito de notícia emergiu, consolidado pela delimitação da fronteira entre fatos e opinião. Este novo cenário levou à constituição de um novo grupo social,

¹ Um dos maiores escândalos de política interna na história dos Estados Unidos. A suspeita de espionagem política foi investigada pelos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal Washington Post, e culminou com a renúncia do presidente americano Richard Nixon, na década de 1970. A cobertura deste episódio é referenciada como um “momento de orgulho na história do jornalismo americano” (Broder, 1987 *apud* Zelizer, 2000).

² Alude a um período de repressão política aos comunistas promovida pelo senador republicano Joseph MacCarthy, do Wisconsin, na década de 1950. As acusações de subversão ou traição eram impostas sem respeito às evidências e com violação dos direitos individuais. O caso foi pouco evidenciado na cobertura jornalística americana, constituindo-se como exemplo “do que não se deve fazer como repórter” (ZELIZER, 2000: 232).

os jornalistas, e de um novo saber, a notícia. Pontua Traquina (2005) que, nesta história do jornalismo, cada vez mais notada na era da globalização, dois fatores de influência devem ser evidenciados na evolução da atividade: a sua comercialização e a profissionalização de seus trabalhos.

A partir da comercialização da imprensa, a informação adquiriu o *status* de mercadoria – percepção essa facilmente identificada com o surgimento de uma imprensa mais sensacionalista – e o jornalismo passou a se inserir enquanto atividade remunerada. Sua consequente profissionalização tornou possível aos jornalistas participarem de um grupo organizado, identificado por Traquina (2005) como uma comunidade interpretativa ou uma tribo, em cujas relações estruturam-se um *ethos* jornalístico e a partilha de valores-guias, responsáveis por orientar cada etapa da produção jornalística e por consolidar normas e costumes entre seus membros.

Essa formulação alude aos estudos de Zelizer (2000) sobre as dimensões alternativas da prática jornalística. A partir da análise de dois acontecimentos centrais no jornalismo americano – o Watergate¹ e o Mccarthismo² -, a autora sugere que os jornalistas “não só usam o discurso para dar sentido à prática jornalística, mas o fazem de forma a assimilar elementos dessa prática negligenciados pelas interpretações formalizadas da profissão” (ZELIZER, 2000: 33). Neste sentido, a abordagem alternativa da autora se lança a compreender:

De que modo os jornalistas atribuíram a si próprios o poder de interpretação, o que levou a que certos tipos privilegiados de narração tivessem sido adotados pelas organizações noticiosas, e de que forma a estrutura narrativa ajudou os jornalistas a neutralizar outras descrições menos fortes ou menos coerentes do mesmo acontecimento (ZELIZER, 2000: 36).

Enfoca-se, neste sentido, na atribuição de significados que os jornalistas conferem a si mesmos. O estabelecimento de convenções tácitas e negociáveis, que permitem aos membros criar e experimentar, faz com que essa comunidade se defina pelas suas associações informais em torno de interpretações compartilhadas, e não através de indicadores fixos e rígidos de aprendizagem, como no âmbito do profissionalismo. Este, segundo Soloski (2000):

Estabelece normas de conduta para os jornalistas e dele emanam normas de comportamento. Para os jornalistas dos Estados Unidos, a objetividade é a norma profissional mais importante, e dela fluem aspectos mais específicos do profissionalismo jornalístico, como o *News judgement* e a seleção das fontes (SOLOSKI, 2000: 95).

Os estudos de Zelizer (2000: 34), desta forma, não se interessam por tais atitudes, formalizada entre os jornalistas e decorrentes da “aura de autoridade” gerada pelo “ser profissional”. Isso porque, de acordo com a autora:

Diversas dimensões da prática jornalística, por exemplo, não são mencionadas na maioria das discussões formais relativas ao jornalismo enquanto profissão. Por exemplo, os jornalistas

raramente admitem recorrer à construção de realidade, considerada pelos observadores críticos como uma forma comum de apresentar as notícias. Em vez disso, preferem por ênfase na sua adesão aos princípios da objetividade e do equilíbrio, ambos sugeridos pelos códigos profissionais (ZELIZER, 2000: 35).

Fundamentado nesta aceção, Traquina (2005) desenvolve uma análise comparativa das notícias sobre a problemática das AIDs em cinco jornais de quatro países diferentes - Portugal, Espanha, Brasil e Estados Unidos - e constata que os jornalistas, nos diversos países, partilham valores-notícia semelhantes e uma cultura noticiosa profissional comum. Dessa pesquisa realizada pelo autor, depreende-se que a unidade de análise privilegiada pelo jornalismo é o acontecimento, em concordância com o que indica Tuchman (1993: 74): “o ritmo do trabalho jornalístico leva-os a privilegiar os acontecimentos porque estes são mais passíveis de serem integrados na teia da facticidade”.

Traquina (2005) identifica, assim, saberes específicos que caracterizam a cultura profissional da comunidade jornalística: as maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar de seus membros, aspectos que se constituem nos saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração com relação a esses acontecimentos. O primeiro refere-se ao “faro jornalístico” do profissional, necessário para enquadrar a notícia segundo os parâmetros dos critérios de noticiabilidade. O segundo diz respeito aos conhecimentos e técnicas empregados pelo jornalista nas notícias e nos fatores nelas envolvidos, como a apuração e a entrevista; enquanto o último pensa na finalização da produção noticiosa e no empacotamento de todas as informações em uma narração. Nesta habilidade, destacam-se as técnicas textuais de *lead* e pirâmide invertida, socializadas e compartilhadas dentro das organizações jornalísticas.

Todo esse método de apuração e técnica de redação, para Lage (2005), objetiva concentrar o foco do discurso no referente factual. Assim, os elementos subjetivos presentes no discurso noticioso são reduzidos ao mínimo, de modo a reafirmar a tonalidade objetiva defendida pela tribo jornalística. Para tanto, a comunidade profissional vale-se de recursos para minimizar a percepção do leitor para esses fatores, através de um “ritual estratégico”, tal qual propõe Tuchman (1993), estruturado a partir de procedimentos de manuseamento da notícia: a apresentação de possibilidades conflituais, de provas auxiliares, o uso judicioso de *aspas* e a estruturação da informação numa sequência apropriada.

Em concordância com a existência de um *ethos* profissional da comunidade jornalística, Sodré pontua:

A notícia constitui-se como o relato de um acontecimento [...] segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da ‘cultura’ jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa (SODRÉ, 2009: 71).

Com base neste panorama, assume-se o desafio de inserir a produção noticiosa convencional em um campo de confronto, em que a análise

vislumbra uma nova perspectiva no fazer jornalístico: o Jornalismo de Desacontecimentos. Trata-se de uma concepção que transforma a prática convencional e abre caminhos para um novo modelo noticioso, respaldado por uma identidade jornalística e por uma cultura profissional própria a partir da prática de Eliane Brum.

O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS: PROPOSIÇÕES PARA UM NOVO FAZER NOTICIOSO

Essa perspectiva sustenta-se na prática noticiosa de Eliane Brum e propõe, assim como a jornalista em suas reportagens, a arte de olhar para um jornalismo ao avesso, interessado na antinotícia. Ao fugir da vala comum da pauta, Brum ilumina um mundo recluso pela máxima de que, no jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. Não se trata de subestimar as temáticas abordadas pela mídia tradicional. Antes, o que se quer é alcançar um modo de fazer jornalismo com novas posturas, com critérios capazes de renovar a cultura profissional compartilhada no meio jornalístico.

Ser e fazer jornalismo, para Eliane Brum, é firmar uma trégua na correria do dia-a-dia e na competição por furo e por audiência, para exercitar um olhar e uma escuta às histórias do outro. É humanizar a forma quase mecânica de fazer notícia e se arriscar a assumir uma realidade que, de tão repetitiva, faz-se nova. É cavar informações nos redutos menos inesperados do cotidiano, que é onde a vida mais (des)acontece.

A carne da minha reportagem são os 'desacontecimentos', palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma repórter de desconhecimentos (BRUM, 2013: 13).

Assumir a notícia como desconhecimento é, além de apontar para um novo olhar e uma nova escuta, questionar os valores compartilhados entre o cânone jornalístico. É opor-se às práticas noticiosas da grande mídia e recusar-se a pertencer a uma tribo que padroniza posturas e produções. Escrever sobre gente é tomar para si a palavra enquanto expressão do real, transformar a burocracia das redações em autenticidade narrativa.

Nesse sentido, seu interesse no jornalismo é buscar a essência da vida comum, de modo a apreender o que dá sentido às rotinas e às relações cotidianas que cada indivíduo estabelece no seu trajeto histórico. Sob essa ótica, o jornalismo assume capacidades: de compreensão acerca da totalidade do outro e de transformação da realidade.

Ao mesmo tempo, cumpre dizer que, ao analisar a prática jornalística de Eliane Brum na perspectiva dos desconhecimentos, desvinculamos nossos estudos da tradição do jornalismo literário. Trata-se aqui de pensar fundamentos para a articulação de um novo agendamento para a mídia, a partir da proposição de um novo critério de noticiabilidade e de novas técnicas de reportagem e entrevista para a cultura noticiosa. Acreditamos

que o Jornalismo de Desacontecimentos permite engendrar um novo horizonte de valores para a prática jornalística, contribuindo, assim, para a reflexão sobre sua renovação – e é sob esta chave que empreendemos nossas análises.

O ATO DE ENTREGA NA REPORTAGEM: O *ETHOS* JORNALÍSTICO DE ELIANE BRUM

Aludindo a Caco Barcellos, no prefácio de *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, “reportagem, para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (BRUM, 2008: 10). Compreende-se, deste modo, que a identidade jornalística de Brum se sustenta em um valor primordial: atravessar a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado de sua visão de mundo.

Deste modo, aponta-se como primeiro valor presente no *ethos* jornalístico de Eliane Brum o seu movimento interno de despojamento, um processo que permite que ideias pré-concebidas se diluam e deem espaço para os significados transmitidos pelo outro em cada reportagem. Essa atitude de se esvaziar para se preencher pelos detalhes do outro evidencia o seu intento em assumir as nuances que compõem a vida comum. Em última instância, ao mergulhar nas singularidades de cada indivíduo, a busca de Eliane é tecer o coletivo a qual todos pertencemos.

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008: 14).

A proposta de Brum é simples, porém simbolicamente resistente por romper com os moldes atuais de produção noticiosa. Sua busca autoral sinaliza para uma narrativa dos afetos, tal qual fala Medina (2006: 77), que consiste em “perceber a dimensão identitária de estar afeto ao outro, embora existam conflitos e diferenças que são inerentes à convivência. Conscientizar as virtualidades racionais irrigadas pela sutileza dos afetos, e não pela inteligência afetada”.

Ao alargar seu horizonte de trabalho para além das técnicas burocráticas, Brum privilegia o signo da relação que “ocorre na comunhão, e não na rejeição (...) só o impulso interativo e afetuoso irradia a auto-aceitação e abre os poros para se ouvir o diferente” (MEDINA, 2006: 86). Nesse sentido, a prática dos desacontecimentos se lança a percorrer os subterrâneos da sensibilidade coletiva, renovando, assim, a competência para compreender os protagonistas da trama social contemporânea.

Em “O homem-estatística”, reportagem de seu livro *O olho da rua*, Eliane conviveu com Hustene Pereira para sentir a realidade do desemprego e a perda dos símbolos de sua vida. Brum percebeu que na necessidade da família de consumir supérfluos, como ‘Danoninho’, é que se encontrava

a chave para compreender a pobreza nos tempos atuais. Esse novo olhar sobre uma realidade constante demonstra a capacidade de Brum de revelar novas perspectivas sobre diferentes problemáticas. E essa reflexão só se torna possível na medida em que a jornalista se dispõe a esvaziar-se para assumir a vida do outro. Vida essa que somente é capaz de revelar seus detalhes e segredos nos hábitos e nos valores que se repetem.

Então vivi a vida do Pankinha por uma semana, senti a dureza das portas que não se abriam, fiz as bolhas nos pés dos caminhos de quem não tem dinheiro para o ônibus, comi seu prato de arroz com ovo, vi Estela e seus filhos pelo filtro amoroso de seu olhar (BRUM, 2008: 151).

Ainda no quesito *ethos* profissional, faz-se válido ressaltar a presença de valores que sustentam a ética do jornalismo de Brum. Da escolha da pauta ao processo de apuração e entrevista, seguido da escrita e publicação do texto, Eliane revela uma preocupação com os princípios básicos de um jornalismo que se fundamenta na transparência com seus personagens e com seus leitores. Ao redigir, a seriedade e o rigor com a linguagem e as palavras de cada entrevistado representam a sensibilidade de uma dimensão que compreende que cada história é insubstituível.

Quando me descobriam pela redação nas madrugadas, a última a ir embora, alguns colegas achavam que era exagerada. Eu sou exagerada. Por que eu não deveria ser exagerada? Minha vigília é pelas pessoas que abriram a porta para me receber e se contar, é pelo respeito que tenho pela minha própria vida, que se expressa na narrativa da vida de um outro. Se traísse ou permitisse que traíssem as histórias abaixo do meu nome, tenho a sensação de que elas viriam bater à minha janela, como seres a quem lhes tivessem roubados pernas e braços (BRUM, 2014: 134).

O princípio de transparência do jornalista para com sua fonte e seu leitor também se evidencia no reconhecimento de seus próprios erros. “A Casa de Velhos é uma de minhas reportagens preferidas – e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito. Porque errei feio” (BRUM, 2008: 129). Trata-se da declaração de Eliane ao final de sua reportagem sobre uma casa de repouso, do livro *O Olho da rua*. O erro a que se refere foi o de ter publicado na matéria os sonhos eróticos que o personagem Paulo tinha com a enfermeira do asilo. Naquele momento, Brum falhou por não ter poupado os idosos que lhe confiaram seus segredos.

Ao perpassar os fundamentos que sustentam o *ethos* de Brum, faz-se possível perceber a existência de uma prática profissional divergente dos modelos convencionais. Após empreender este percurso de análise da importância da escrita para o jornalismo de Brum e dos valores que calcam sua prática, passa-se a estudar em profundidade suas técnicas de reportagem.

A ARTE DO OLHAR E DO ESCUTAR: O ENCONTRO DIALÓGICO COM A VIDA REAL

“Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais” (BRUM, 2013: 13). Como analisado anteriormente, o olhar e o escutar constituem-se enquanto valores integrantes do *ethos* jornalístico de Brum. Isso porque o esvaziamento do repórter, a máxima defendida por Brum, dá-se na medida em que o mesmo consegue se desfazer de seus juízos pré-definidos para se deixar preencher pelos significados do outro.

Nesse percurso de despojamento e preenchimento, a arte de olhar e de escutar permite alcançar a dimensão da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo com outro (Medina, 2008). Nele, abre-se no repórter um espaço para assumir e entender o lugar do entrevistado na narrativa, na busca por uma apreensão que envolva todos os órgãos sensoriais, que alcance um cenário composto por cheiros, nuances, silêncios e texturas.

Nesse processo de trabalho, o aparato de percepção e observação do produtor de sentidos é responsável pela ação criativa e transformadora da comunicação social. É necessário articular os cinco sentidos: perceber o real pela escuta, pelo tato, pelo paladar, pela visão e pelo olfato (MEDINA, 2008: 95).

Assim, como técnica de reportagem de Brum, pode-se apontar o esforço por ser estrangeira diante do fato e do personagem. Desafio esse que visa manter o olhar de espanto, necessário para vislumbrar a camada além do óbvio. É nesse sentido que o olhar de estrangeiro diverge do olhar de turista. Na ótica de Brum, o turista só enxerga a realidade filtrada pelos seus preconceitos ou pelas suas fantasias. Por isso, só vê aquilo que acredita ser a verdade daquela realidade; enquanto, por outro lado, o olhar estrangeiro permite adentrar novos mundos desfeitos de ideias pré-estabelecidas.

Em *A vida que ninguém vê*, a jornalista mergulha em um relato que nasce essencialmente do ato de observar. “Você já reparou nos olhos das pessoas na rua?” (BRUM, 2006: 132) é o questionamento que dá início à narrativa “Dona Maria tem olhos brilhantes”, no qual Brum nos faz conhecer os detalhes que permeiam a vida de uma senhora com os olhos brilhantes. Trata-se de um enredo que só se sustenta devido à captura desse elemento que, aos que não olham para ver, passaria despercebido. Mas que aos olhos de Brum, e de um jornalismo que busca desacontecer, faz toda a diferença. E, assim, dos olhos brilhantes de Dona Maria, a jornalista concebe uma narrativa que reflete sobre a precariedade do ensino no Brasil e a dificuldade de acesso a uma educação de qualidade por todos.

Ao perceber o cenário noticioso e se deparar com os modelos partilhados nas redações da mídia tradicional, Brum propõe um retorno ao jornalismo que conduz a olhar que permite se espantar e a uma escuta que permite apreender. “Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito, o que o entrevistado deixar de dizer, o que omite” (BRUM, 2006: 191).

Por isso, a técnica de reportagem de Brum envolve o silêncio. Mais do

que questionar para ter frases feitas, é preciso se calar. Somente assim se torna possível apreender as expressões do outro. Olhar é também um ato de silêncio, já que, para Brum, metade de uma reportagem é o que se diz e a outra metade, o que é percebido. Nesse sentido, as técnicas jornalísticas de Brum parecem assentar-se na proposta do diálogo dos afetos de Medina (2008: 93). “O repórter precisa do silêncio subjetivo, dos sinais dos cinco sentidos e da despoluição da consciência para a escuta da intuição criada. Daí advém gestos solidários que se consomem na interação social”.

Quando Eliane acompanhou os últimos quatro meses de vida de Ailce Oliveira Sousa, em *O olho da rua*, tornou-se nítida a importância de compreender o não dito. Ailce era uma merendeira de escola, estava com câncer e deu à jornalista o privilégio de relatar os seus últimos dias de vida, sem o direito de ler o que seria escrito, já que a publicação ocorreria apenas após a sua morte. Brum se deixou preencher por todas as conversas, sonhos e desejos de Ailce durante os dias em que elas estiveram juntas. Mas também soube acolher o seu silêncio com relação à doença que a acometia. ‘Câncer’ foi a palavra que Ailce nunca pronunciou nos 112 dias que passou com Eliane. E desta percepção, a jornalista apreendeu o significado que a vida tinha para Ailce e como se dava o seu enfrentamento com a doença.

A produção jornalística é também resultado da escuta. E escutar, segundo Brum, é não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que se gostaria ou com a clareza que se desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que se pensava que diriam. Escutar é, portanto, não induzir as pessoas a dizer o que se gostaria, é deixar-se surpreender por ouvir algo que não se planeja. Escutar é tempo de espera, de reflexão. Para Medina (2008), esse dirigismo com que se executam as tarefas é o maior desafio dos meios de comunicação.

Na maior parte das circunstâncias, o jornalista imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as respostas: o interlocutor é conduzido a tais resultados. O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa. O que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu (...). Estamos longe da rede de comunicação em que se resgate a presença da pessoa, se abram canais para os testemunhos anônimos (MEDINA, 2008: 8).

Caminhando na vertente oposta das orientações das redações convencionais, a única postura de Brum é se disponibilizar ao outro. Essa atitude representa uma ruptura com a herança positivista que, segundo Medina (2008), deixou marcas que norteiam os registros jornalísticos até os dias atuais.

Das ordens imediatas nas editorias dos meios de comunicação às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Augusto Comte: a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia; (MEDINA, 2008: 25).

Ao superar essa rígida lógica, valorizando as respostas em detrimento das perguntas, Brum manifesta interesse pelo modo de ser e de dizer de seus personagens, dando voz aos personagens da vida que ninguém vê e rompendo o paradigma convencional de atrelar-se às fontes oficiais e desconsiderar a visão oriunda de personagens do povo - as fontes não oficiais.

Em “Mães vivas de uma geração morta”, de *O olho da rua*, Eliane reportou a realidade do tráfico de drogas a partir da perspectiva das mães dos garotos envolvidos com o crime. “Nesta reportagem, a guerra brasileira é revelada pelo olhar e pela voz das mães dos mortos no tráfico” (BRUM, 2008: 204). A jornalista se propôs a adentrar o cotidiano das mulheres que perdem seus filhos para o tráfico e que, tantas vezes, são despersonalizadas e tratadas com insensibilidade. Ao se despojar dos pré-conceitos para com os envolvidos com drogas e se entregar à escuta das palavras que essas mães tinham a oferecer, Eliane conseguiu apreender uma nova dimensão para sua reportagem. “No avesso dos garotos mortos estavam as mulheres que sobreviviam ao que na nossa cultura é a maior de todas as dores, a de enterrar um filho” (BRUM, 2008: 240).

A partir da escuta das declarações de cada mãe, Eliane deu ao leitor a oportunidade de conhecer e compreender os detalhes, as ausências e os excessos do inferno astral dessas mulheres, e também todas as motivações que as faziam sobreviver nessa realidade. Por isso, o Jornalismo de Desacontecimentos é dono de palavras que agem; que, ao se materializarem como escrita, conseguem atingir o cerne das problemáticas sociais e propor mudanças. Ao alcançarem o leitor, conseguem desacomodá-lo.

Assim, Brum permite que sua técnica de entrevista ultrapasse a intimidade entre o ‘Eu e o Tu’ (Buber, 1979) e que tanto um como o outro se modifiquem. Dialogando com o método de Medina, a repórter deixa-se envolver pelo afeto, “reconhecendo o mundo e lhe imprimindo o toque humano, desafiando o status tecnológico com a inventividade das pequenas histórias de vida” (Medina, 2003: 60), e conferindo uma postura dialógica e humanizada ao fazer jornalístico contemporâneo.

Toda reportagem é um encontro. É algo especial – e a gente sabe quando acontece. Por isso não acredito em história arrancada. Quando me perguntam qual é a minha “técnica” de entrevista, nunca sei o que dizer. Não conheço nem me interesso pelas técnicas de colegas que se orgulham de “arrancar” respostas, confissões das pessoas. Se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança (BRUM, 2008: 150).

Assim, muito além de uma prática divergente do circuito noticioso da grande mídia, a produção de Brum permite compreender a essência de um jornalismo que assume a sua função de mediador social, capaz de transformar o olhar de seus leitores para o outro.

ESCREVER PARA SER: UM PERCURSO DE DESIDENTIDADES

Assim como ser repórter é um ato de entrega para Brum, escrever é também, para ela, transformar a vida em palavra. Por isso, seus registros são

mais do que textos pré-moldados, prontos para a submissão às técnicas de *lead* e pirâmide invertida - estruturas tão partilhadas na tribo jornalística, segundo Traquina (2005). Suas narrativas mesclam a arte de olhar e escutar com artifícios característicos à literatura, em um diálogo metafórico com esse campo tão cultuado por romancistas; mas que, quando bem aproveitados por jornalistas, muito agregam ao texto noticioso, sem dele retirar o caráter de fidedignidade necessário à informação.

A narrativa de Brum revela, portanto, uma constante busca pela precisão das palavras, distribuídas como se fossem compor uma melodia, com ritmo e sensibilidade. Trata-se da materialização do valor de seus fundamentos, a arte de olhar e escutar, em palavras. Após empreender toda caminhada de apuração, em um esforço por encontrar os significados do outro, Brum delega ao plano narrativo a função de exprimir toda vivência com os grandes feitos dos despercebidos.

Esse cuidado com as palavras representa em muitos sentidos a divergência da produção noticiosa de Brum com os registros da grande mídia. Com uma linguagem muito própria, o texto jornalístico de Eliane Brum desafia os modelos tradicionais de *lead* e de pirâmide invertida, cuja estrutura de narração de fatos segundo o grau de importância padronizou as reportagens e tornou o fazer jornalístico uma produção burocrática e uniforme. Não raro é encontrar artifícios característicos a narrativas literárias nos relatos de Eliane. Figuras de linguagem, metáforas, comparações, sinestesia, personificação e repetições de sintagmas marcam presença no estilo de escrita da repórter.

Na reportagem “A Floresta das Parteias”, de 2000, do livro *O olho da rua*, a riqueza da linguagem das parteias do Amapá e a forma como cada uma se expressa toma o lugar central da reportagem, e os artifícios literários se tornam peças fundamentais na composição do texto jornalístico: “Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo” (BRUM, 2008: 19).

Em termos de linguagem, verifica-se, ainda, a preocupação de Eliane Brum em relação ao vocabulário de seus entrevistados. A maneira como falam é tão importante quanto suas próprias histórias de vida. Por isso, a repórter não se vale de sinônimos, mas reconhece a importância, para seu texto, da escolha das palavras que cada entrevistado faz, assim reproduzindo-as. Em “A Voz”, da obra *A vida que ninguém vê*, tal percepção fica clara quando Brum aborda o jeito de falar de Clodair, cego e vendedor de jogos de loteria. “-É houuuuuuuuue a mega-sena acumulada. R\$ 40 milhões (BRUM, 2006: 153). Ou, ainda, em “A Floresta das Parteias”: “queria pedir a Deus o meu aposentamento de parteira” e “Senão, perde a valoridade” (BRUM, 2008: 26).

Além das marcas literárias, a redação de Brum se caracteriza pela presença do narrador em primeira pessoa em alguns textos, demonstrando a necessidade da repórter de participar e fazer parte da história de seu personagem. Para o leitor, isso possibilita a perda do distanciamento, em uma possibilidade de pertencer e se colocar no lugar da narradora, observando o que ela viu e sentindo o que ela experimentou. Na obra *O olho da rua*, o texto “Um país chamado Brasilândia”, de 2007, conta o

encontro de Eliane com Dona Eugênia, de 76 anos, em uma narração que permite ao leitor ficar a par dos bastidores da reportagem. “Benzedeira e cartomante, dona Eugênia empunha uns olhos agudos, de raio X. Então, ela olha para a cinza. E olha para mim” (BRUM, 2008: 285).

Apoiando-se nos recortes de suas obras aqui analisadas, o que se conclui é que as produções de Brum não se limitam a reproduzir aspas ou a modelar textos de acordo com o que se espera da fala dos entrevistados. Para Brum, o real é feito de muito mais que palavras. Antes de materializar o universo de cada um, a repórter se esforça por conhecer e tatear as ambientações que permeiam suas vidas.

O COTIDIANO É NOTICIÁVEL: A VIDA COMUM É EXTRAORDINÁRIA

A partir das obras escolhidas como *corpus* para este artigo, verifica-se o interesse de Brum em noticiar aquilo que passa despercebido diante dos holofotes dos grandes veículos de comunicação. A começar pelo título de seus livros, *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, já se tem um indício dos ambientes e personagens explorados por Brum. Para ela, os pequenos meandros que estimulam a vida real são noticiáveis. Sua busca, ao detectar o cotidiano das pessoas comuns, é apreender as problemáticas que envolvem o dia-a-dia do cidadão e suas interferências na coletividade partilhada por todos.

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal (BRUM, 2006: 187).

A proposta de Brum, portanto, é estimular um olhar capaz de romper com o vício e com o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que faz com que se acredite que a vida nada oferece de grandioso. Seu jornalismo é “com toda a pretensão que a vida merece, uma proposta de insurgência” (BRUM, 2006: 187). Isso porque é necessária uma postura transformadora para se perceber o real cotidiano enquanto algo extraordinário, e não ordinário como a miopia dos meios convencionais leva a crer.

De sua disposição de observar e escutar as histórias, as pessoas e o ritmo das realidades, seja da floresta ou de concreto, faz-se a reportagem. Por isso, nesse cenário, qualquer aspecto que permeia a rotina pode estampar as páginas de um jornal. Não é preciso irromper a realidade, como a grande mídia espera de um acontecimento. É necessário apenas estar sempre ali. É esse detalhe, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, que desperta o faro jornalístico de Brum.

Ao iluminar histórias de brasileiros desempregados, sonhos de famílias trabalhadoras, andarilhos, moradores tidos como ‘loucos’, vendedores de mega-sena, garimpeiros, o ofício das parteiras, a solidão na velhice – entre

tantos outros assuntos – o olhar que Brum pretende é o de ser farol pelos muitos Brasis. “Quando me perguntam sobre o que eu escrevo, nunca sei o que dizer. Eu não sou uma repórter especializada em nada. Eu conto histórias de gente. E acho que se entendo de alguma coisa, é de gente” (BRUM, 2008: 13).

É no dia-a-dia de cada ser humano, e na significância que cada um dá a sua vida, que o jornalismo de Eliane Brum reside. Por isso, para a jornalista, em qualquer lugar é possível se encontrar uma boa história para contar, basta que se olhe de verdade para as pessoas.

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se (BRUM, 2014: 06).

Praticando um jornalismo centrado na apropriação de “fatos não-marcados” (SODRÉ, 2005: 74), Brum constrói uma concepção jornalística pautada pelas histórias rotineiras de gente comum. Histórias essas que não recebem destaque na lista de valores-notícias, seguidos à risca pela grande imprensa, e propostos pelas teorias do jornalismo. O que a produção jornalística de Brum permite concluir é a existência de um elo que envolve o social em um trajeto de anseios e percalços comuns. Em circunstâncias diferentes, a noticiabilidade do cotidiano evidencia o fator que condiciona a existência dos seres humanos: a vivência de uma maratona diária em busca de realização.

Em “Sinal fechado para Camila”, do livro *A vida que ninguém vê*, Brum relata uma situação corriqueira para desenvolver uma crítica à sociedade a que pertencemos, com marcas de linguagem que questionam diretamente a atitude de seus leitores “Você ouviu esse hino em algum cruzamento. Você fechou o vidro para se defender do ataque à sua consciência” (BRUM, 2006: 87). Nesse texto, Eliane trata da desigualdade social que torna tantos indivíduos invisíveis aos olhos da maioria. Brum relata a história de crianças que pedem ajuda nos semáforos, todos os dias, em uma cena que se repete no cotidiano da maior parte da população, que prefere fechar as janelas dos carros a encarar o problema.

Camila, a garota que cantava nos sinaleiros na tentativa de atrair um olhar, morreu vítima da violência. O canto era o jeito de Camila “embelezar sua tragédia” (BRUM, 2006: 85), dar sentido a sua vida. Ao alcançar a delicadeza que há no próximo, a partir da vivência de seu cotidiano, Eliane propõe uma nova perspectiva para a realidade que se repete. E pretende mudança ao questionar cada um de nós. “Não se iluda, você não vai escapar. Nós todos a assassinamos. Mas há um exército de Camilas pela cidade” (BRUM, 2006: 85).

Lizete, esposa de Antonio, na reportagem “Enterro de pobre”, em *A vida que ninguém vê*, também morreu, mas como vítima do descaso governamental com a saúde pública. “A tragédia suprema do pobre é que nem com a morte escapa da vida. A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida” (BRUM, 2006: 165).

Já em “O povo do meio”, do livro *O olho da rua*, Eliane escreve uma narrativa em que entrelaça aspectos ambientais, culturais e políticos ao

reportar o Brasil dos grileiros na Amazônia.

Raimundo Nonato da Silva não sabe quem é Luiz Inácio Lula da Silva. Ele vive num país desconhecido do próprio Brasil. Sua república fica no coração da Amazônia. É um país invisível porque 99% dos habitantes não têm documentos. O Povo do Meio pode desaparecer antes que o país oficial se aperceba dele (BRUM, 2008: 159).

A análise interpretativa dos textos de Brum permite refletir sobre o cotidiano que envolve cada indivíduo e também sobre os pequenos detalhes ordinários que compõem os significados extraordinários de cada vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desacomodamento. A desconstrução. A desidentidade. A busca do significado contido nas palavras, nos gestos, no silêncio, nas histórias. Das pessoas. Do cotidiano. De um jornalismo que age e que defende uma causa. A de disponibilizar olhos e ouvidos para ver e para escutar os que estão à margem da narrativa. A de escancarar subjetividade para apreender as nuances que compõem um indivíduo. A de se esvaziar a si mesmo para se deixar preencher pelas dimensões significativas do outro.

Eliane Brum engrandece a profissão por simplesmente ser, e não somente fazer, jornalismo. Por viver um estado visceral de ser repórter e encarnar a palavra escrita, sua e de tantos anônimos que já deixaram de ser invisíveis por seu trabalho. Por aplicar as atitudes mais básicas e completas ao apurar e entrevistar seus personagens: saber observar e escutar. Por recusar teses prontas e optar pela dúvida. Por sujar os sapatos e enfiar os pés na lama dos desacomodamentos. Por resgatar a função primeira e essencial do jornalismo: a de vínculo e de mediação social.

O jornalismo de desacomodamentos alcança a delicadeza em meio à brutalidade da vida. Pois compreende que em cada um se encontra um tecido de significados pronto para ser costurado e unido a tantos outros cotidianos que formam o nosso coletivo. Ele não precisa de critérios para saber qual história merece ser contada, porque confere aos detalhes de gente comum a dignidade de pertencer à narrativa. Como diz Marcelo Rech no prefácio do livro *A vida que ninguém vê*: “até uma gota de água pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter” (BRUM, 2006: 13). E, mais do que isso, um grande repórter não só torna uma gota de água uma grande reportagem, como apreende dela aspectos que fazem refletir sobre as diferentes dimensões da vida. Trata-se da presença de uma veia social que leva o sangue para manter pulsando uma prática jornalística que saber ser e fazer diferente.

“Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, 2006: 187). É a partir do singular manifesto no cotidiano que Eliane Brum dá a Zés e Marias do Brasil a envergadura de personagens que merecem figurar o centro da narrativa, revertendo um dos mais arraigados dogmas da imprensa.

REFERÊNCIAS

- BUBER, Martin. Eu e tu. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- BRUM, Eliane. A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- _____. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- _____. Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya Brasil, 2014.
- _____. O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.
- LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6. ed., Record, Rio de Janeiro, 2006.
- MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.
- MEDINA, Cremilda. O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Vol. 1. Insular: Florianópolis, 2005.
- _____. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2005.
- TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.
- ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo 2000. Lisboa: Relógio d'água, 2000.